

*

notas editoriais / editorial notes

ana luísa valdeira da silva

Everything here is as visible as sound is audible. The pictures unevenly placed are like notes on a staff. But the thing about this place that is musical is the street noise from Sixth Avenue. John Cage

Reading music is for musicologists. There is no straight line to be drawn between notes and sounds. John Cage

Cage ainda tem a capacidade de me surpreender. Os textos e as obras que vou descobrindo manifestam a sua admirável personalidade artística, inegavelmente predestinada para desígnios invulgares.

Se é indesmentível que este número é particularmente especial para mim, tal não se deve exclusivamente à secção *Por Fora* dedicada a John Cage, mas desdobra-se *Por Dentro* com a notável Lição de José Mário Branco e as Notas Soltas de Rui Pina Coelho e Gonçalo Amorim, pois cresci a admirar o primeiro, da geração dos meus pais, e partilho alguma ira dos segundos, da minha própria geração.

Foi difícil a escolha de um texto de Cage. Optámos por publicar “An Autobiographical Statement” (Uma Declaração Autobiográfica) por ser um texto transversal a todo o seu trabalho, um importante testemunho que cruza os assuntos mais privados da sua vida pessoal e familiar aos da sua vida pública enquanto compositor, artista, poeta, teórico ou até micologista.

Cage never ceases to amaze me. The texts and works which I keep finding express his admirable artistic personality, undeniably predestined for unique ideas.

If it is undeniable that this issue is particularly special for me, it is not exclusively in virtue of the *From Abroad* section, devoted to John Cage, but is unfolded to the *Inside Of* section containing the notable Lecture by José Mário Branco and the Loose Notes by Rui Pina Coelho and Gonçalo Amorim, the former from my parent’s generation whom I grew up to, admiring, and the latter of whom I share some of the anger of my own generation.

It was difficult to choose one of Cage’s texts. We decided to publish “An Autobiographical Statement”, which being transversal to all of his work, is an important declaration that crosses private issues of his personal and family life with his public life as a composer, artist, poet, theorist or even mycologist.

Quando o Gustavo Vicente me enviou o texto, ainda inacabado (trauma de investigador, segundo o próprio), escrevia no email para não ligar às partes realçadas a cor... Mas a secção *Ensaio*s não liga a qualquer cor. No assunto deste email: “Cá vai alho”. Primeira nota do segundo email (com o texto concluído em anexo): “cá vai o bicho”.

Convidámos alguns amigos de John Cage a escrever para este número: David Vaughan, Christian Wolff e Richard Kostelanetz. Vaughan DANÇA entre John Cage e Merce Cunningham; Wolff dá-nos MÚSICA enquanto pensa, e pensa sempre em John Cage, e vai com ele aos cogumelos; Kostelanetz desenha POESIA circular, de leituras infinitas; pode ler-se bem, rodando a cabeça.

Deixo os mais sinceros e especiais agradecimentos à Fundação John Cage Trust, em particular a Laura Kuhn, sua directora, por ter permitido a publicação de “An Autobiographical Statement” de John Cage; ao fotógrafo James Klosty, ao Museum of Contemporary Art Chicago, a Duke University (David M. Rubenstein Rare Book & Manuscript Library) e ao Carl Solway Gallery pela cedência dos direitos de reprodução de alguns trabalhos e imagens de John Cage, essenciais à mais que merecida homenagem que aqui lhe prestamos.

When Gustavo Vicente sent me the yet unfinished text (researcher’s trauma, in his own words), he told me in his email to ignore the highlighted text in colour... However, the *Essays* section is not concerned with colour. The subject of this email: “Here comes”. The first note of the second email (with the completed text attached): “Here comes the beast”.

We invited some of Cage’s friends to write for this issue: David Vaughan, Christian Wolff, and Richard Kostelanetz. Vaughan DANCES in-between John Cage and Merce Cunningham; Wolff gives us MUSIC while thinks, and he always thinks about John Cage, and they go mushroom picking together; Kostelanetz draws circular POETRY, of endless readings; which can be nicely read, by turning the head.

I would like to express my most sincere and special thanks to the John Cage Trust, in particular to Laura Kuhn, its director, for allowing us to publish “An Autobiographical Statement” by John Cage; to the photographer James Klosty, to the Museum of Contemporary Art Chicago, to the Duke University (David M. Rubenstein Rare Book & Manuscript Library), and to the Carl Solway Gallery for granting us permission to reproduce some of Cage’s works and images, which were essential to pay him a proper tribute.

Não posso deixar de lembrar alguns artistas que “nos morreram” este ano: Paula Massano (1949 - 2012), a coreógrafa portuguesa que trouxe a técnica de Merce Cunningham para Portugal; Emanuel Nunes (1941 - 2012), o mais consagrado e premiado compositor contemporâneo do nosso país; e Bernardo Sasseti (1970 - 2012), pianista e compositor, para quem a nota editorial mais longa me pareceria sempre a mais breve. Agora dou por mim a ouvir vezes sem conta *Cantigas do Maio*, canção que gravou com Carlos do Carmo. E que já intitulava o disco de José Afonso que José Mário Branco produziu.

*Minha mãe quando eu morrer
Ai chore por quem muito amargou
Para então dizer ao mundo
Ai Deus mo deu ai Deus mo levou*

Acho que ouvi falar a primeira vez da música de John Cage, sem a ouvir, nas minhas aulas de Análise e Técnicas de Composição. Não percebi. Tal como Cage disse nunca ter percebido a arte de Duchamp. Ambos não percebemos, ou não percebíamos, mas acabámos por adorar o que não percebemos. E não percebemos porque.

I mustn't fail to remember some artists that “died on us” this year: Paula Massano (1949 - 2012), the Portuguese choreographer that brought Merce Cunningham's technique to Portugal; Emanuel Nunes (1941 - 2012), the most acclaimed and prize-winning contemporary Portuguese composer; and Bernardo Sasseti (1970 - 2012), Portuguese pianist and composer, to whom the longest editorial note would always seem to me the most brief. Now, I find myself over and over again listening to *Cantigas do Maio*, a song he recorded with Carlos do Carmo. And which had already entitled José Afonso's album produced by José Mário Branco.

*Oh my mother when I die
Cry out for whom had suffered a lot
So then as to tell the world
T'was God who gave me him then took him away*

I think I first heard about John Cage's music, without listening to it, in my Composition classes. I didn't understand. Such as Cage said that he never understood Duchamp's art. Neither one of us understood, or wasn't understanding, but in the end loved what we don't understand. And we didn't understand why.

Silêncio.
Que se vai ler James Pritchett.

Pedi à Margarida Rego e à Catarina Vasconcelos, as designers da CQN, para colocarem estas notas aleatoriamente, sem qualquer ordem específica. Será que conseguiram? Será que o arranjo destas notas no papel conseguiu escapar aos mais implacáveis ímpetos de um bom design gráfico? Consigo imaginá-las a dizer, “esta fica bem aqui.” E o que é certo, sendo um acaso ou não, é que aqui ficou.

Silence.
James Pritchett is going to be read.

I asked Margarida Rego and Catarina Vasconcelos, as CQN designers, to randomly place these notes, regardless of any specific order. Did they succeed? Did the arrangement of the notes on paper escape the most determined impetus of a good graphic design? I can imagine them saying, "this one fits perfectly here". And what is certain, random or not, is that this is where they lay.